

O FATO GRÁFICO

Assim como há um raciocínio mental para elaboração das idéias, há também um raciocínio gráfico para elaboração das imagens. Certamente existem outras formas de raciocínio, como o raciocínio matemático ou o raciocínio musical. Todos eles capazes de revelar conceitos apenas diferenciados em suas materialidades de manifestação.

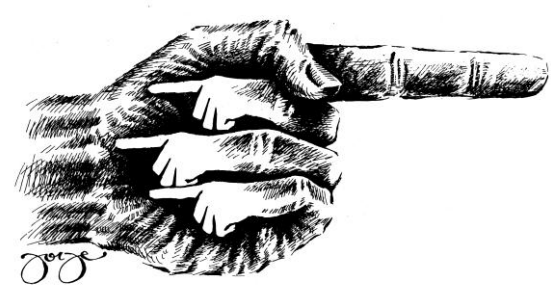
Para o entendimento das imagens impressas o mecanismo de recepção utiliza tão somente o meio visual. Assim, torna-se tão intensamente subjetivo seu entendimento, pois necessita obrigatoriamente da presença do receptor para ver. E comparar é o impulso primordial que é acionado para interpretar qualquer imagem. Portanto, ver remete a comparações predominantemente analógicas.

Os olhos só podem interpretar o que é, não o que foi ou o que será. E para tal, é necessária a presença física do observador junto à imagem. Só o que não estiver presente se realizará através da imaginação. É o que comumente ocorre no campo verbal, por ser a palavra simbólica e não analógica. E sendo simbólica é altamente permeável à imaginação.

Para com as imagens o processo imaginativo só será deflagrado com a representação gráfica de uma metáfora visual. Ali estará rompida a expectativa da previsível analogia que o desenho remete. Com as metáforas a leitura da imagem passa a atuar no inconsciente, não mais no raciocínio lógico. Assim, agem diretamente no subjetivo mais do que a palavra, por estar o campo verbal condicionado a um código esclarecedor anterior. Metáforas visuais conduzem a um universo interior, tanto para o ilustrador quanto para o observador.

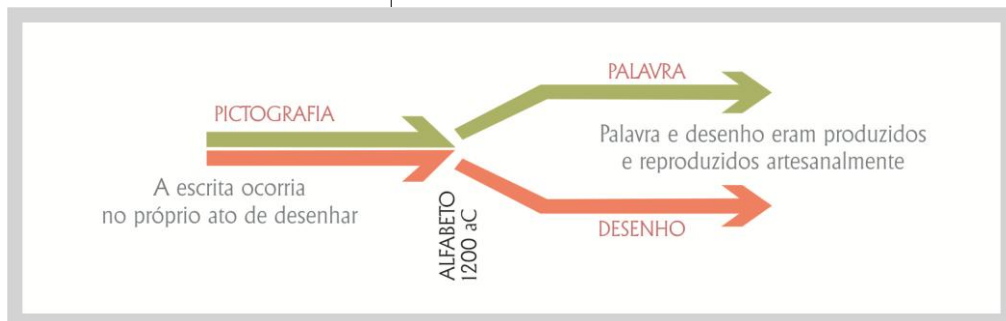


IMAGEM ANALÓGICA



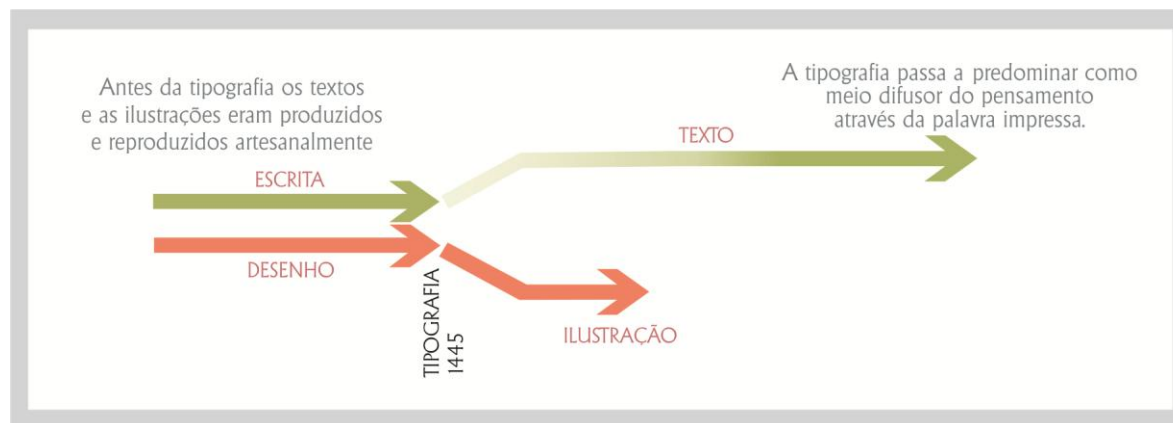
METÁFORA VISUAL

Como relatamos ao longo da pesquisa apresentada, a escrita em sua formação teve que se desprender da linha figurativa porque esta se tornou insuficiente como sistema de troca de idéias.



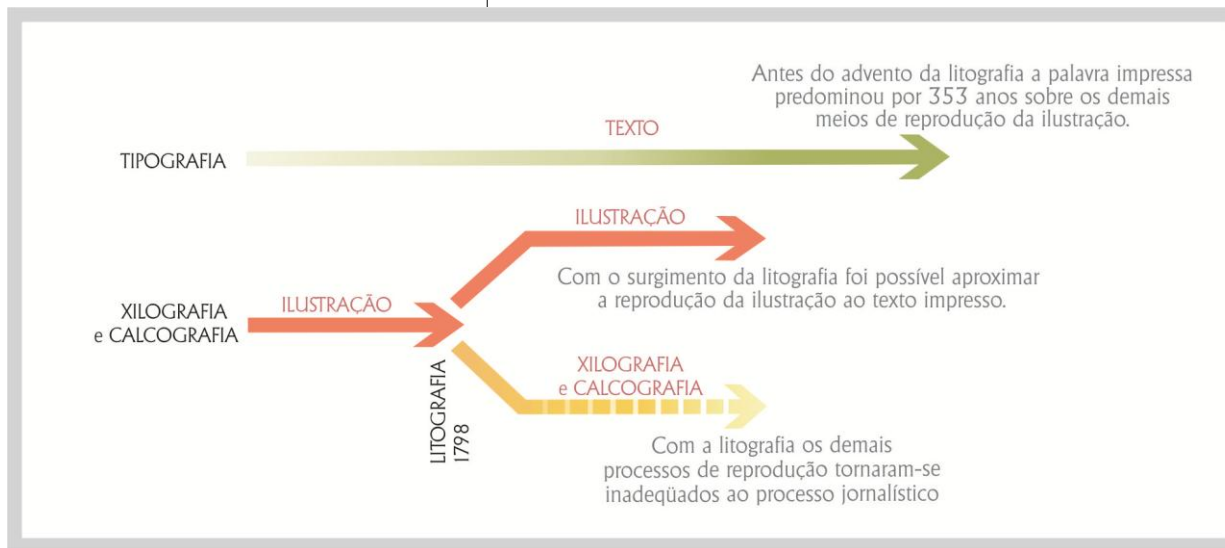
Nos primórdios da comunicação humana a confecção pictográfica representava a escrita e o desenho no mesmo ato. Com o surgimento do alfabeto se separam, e caminham por séculos sendo reproduzidos com os mesmos recursos técnicos, porém ainda artesanalmente. Segundo Walter Benjamin, “com a xilogravura, o desenho tornou-se pela primeira vez tecnicamente reproduzível, muito antes que a imprensa prestasse o mesmo serviço para a palavra escrita”. (BENJAMIN, 1975, p. 166).

As conquistas dos processos mecânicos de reprodução ao longo dos séculos culminaram com a invenção da tipografia impulsionando a palavra como articuladora das idéias e retendo o desenho como difusor do pensamento.



O processo de valorização da palavra impressa perdurou por cerca de 4 séculos. Nesse período a imagem não conseguiu acompanhar o mesmo processo por não existir tecnologia capaz de substituir mecanicamente a confecção da matriz artesanal e de ainda existir incompatibilidade técnica de ser impressa conjuntamente com a matriz tipográfica.

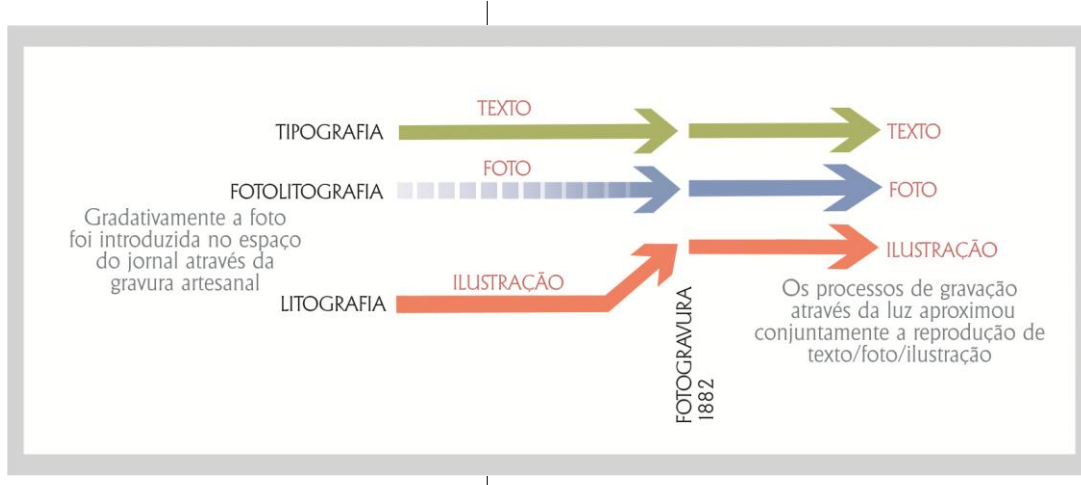
Nesse período histórico os processos tipográficos evoluíram permitindo a difusão de livros, folhetos e jornais. Como uma das características do jornal é a *atualidade*, a tipografia contribuiu para que as idéias fossem rapidamente transmitidas pela palavra impressa, preponderando tão somente o discurso verbal dentro do jornalismo. O mesmo não aconteceu com a ilustração, que deixou de conviver regularmente nas páginas por um longo período.



Houve um momento em que se esboçou uma reação de aproximação entre o texto e a ilustração quando do surgimento da litografia, em 1798. A técnica da litografia permitiu que nos periódicos convivessem, mesmo que separadamente, páginas verbais com páginas visuais. Porém, esse fato não foi suficiente para consolidar efetivamente a presença da ilustração dentro do agora nascente jornalismo empresarial.

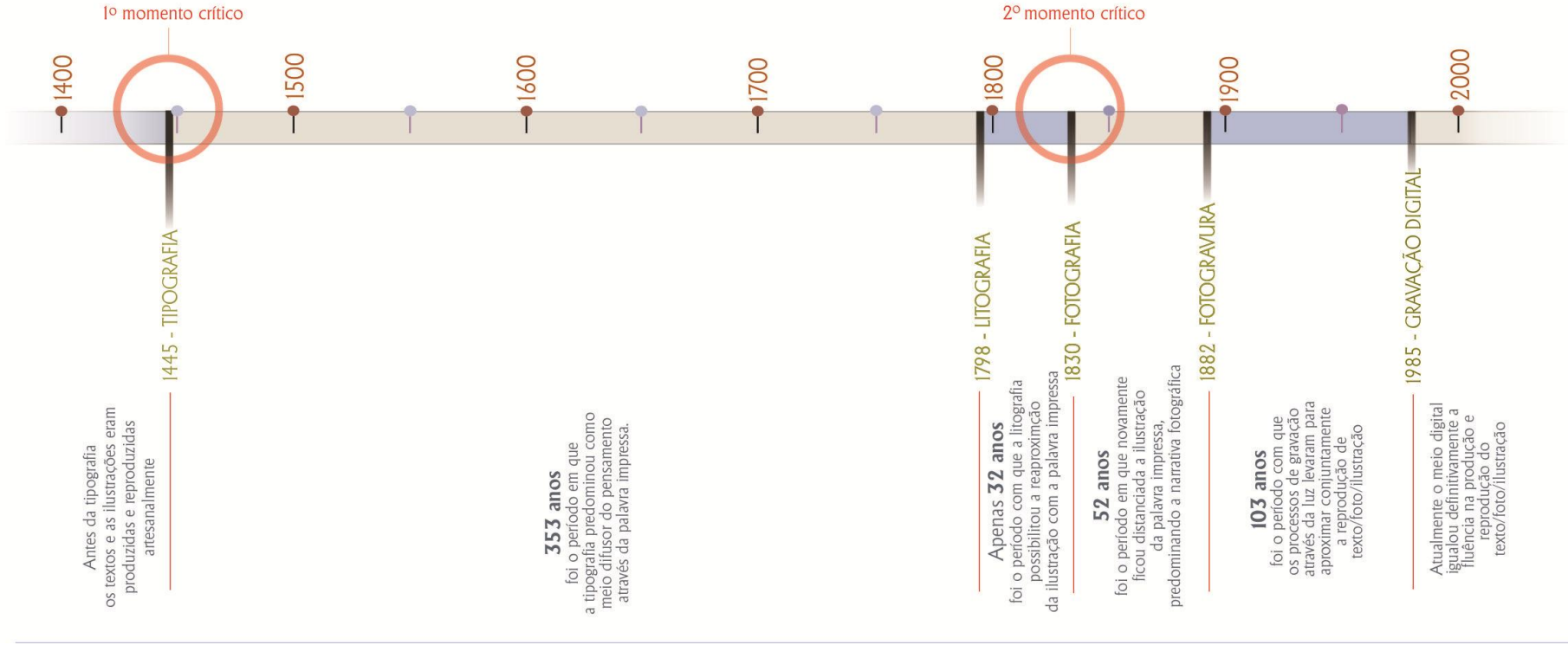
Em meados do século XIX, a ilustração novamente sofre um revés. Depois de passados 32 anos da invenção da litografia (favorecendo o desenho) surge a fotografia para retirar da ilustração seu conteúdo documental.

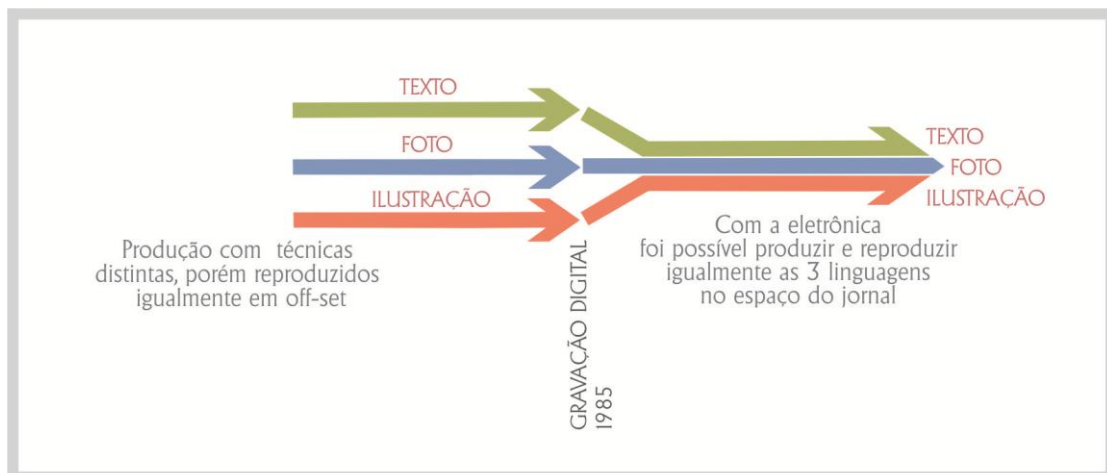




A mudança em favor da ilustração somente passou a acontecer a partir de 1882 quando se iniciaram os experimentos com matrizes gravadas por processos luminosos, e não mais por processos artesanais. O processo de gravação através da luz alterou todo o mecanismo de reprodução, não só para o desenho mas também para a foto e o texto. A partir de então a gravação da imagem deixa de sofrer a ação manual para passar a ser gravada através da fotogravura (do grego *photo* = luz). A criação do desenho original continuou sendo artesanal (como a escrita), porém o que se alterou foi o tempo da gravação da matriz de impressão. Esse tempo foi reduzido ao tempo de uma revelação fotográfica. Assim, voltaram a se aproximar texto e imagem.

No painel abaixo se encontram demarcadas as principais técnicas de reprodução com as respectivas relações cronológicas entre si.

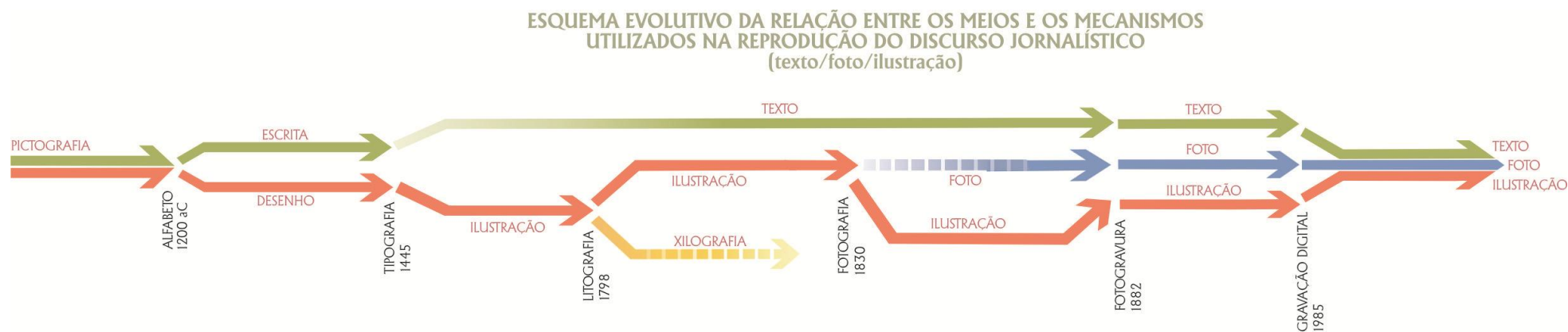




A reaproximação das linguagens, verbal e não verbal, está ocorrendo em nossos dias com o advento do processo de gravação de matrizes através da luz (fotogravura) e mais aceleradamente ainda com as novas tecnologias digitais. Com os recursos eletrônicos os processos de produção têm se aproximado dos processos do pensamento. Com a eletrônica o atual processo de gravação utilizado pelo computador tornou possível aproximar muito mais a imaginação da reprodução, fazendo com que acontecessem quase que simultaneamente. Pois, a fluência ideal de qualquer linguagem é a possibilidade de se poder pensar e imediatamente reproduzir esse pensamento.

Já não existem barreiras que impeçam a reprodução de qualquer discurso, seja verbal ou não-verbal. Como a *atualidade* é uma das características do jornalismo, e vital para o fluir das informações, as técnicas eletrônicas de produção com sua respectiva reprodução, viabilizou a junção das 3 linguagens (texto/foto/ilustração). Estamos, finalmente, diante de mecanismos capazes de transportar para as páginas dos jornais, com maior fluência e mais atualidade o discurso contido nas ilustrações.

Recapitulando o processo descrito, apresento abaixo um esquema evolutivo abrangendo os meios e os mecanismos utilizados na reprodução do discurso jornalístico.



Proposta Classificatória

Para a difusão informativa no jornal os recursos não verbais vêm se tomando cada dia mais eficientes. O jornal moldou-se aos esquemas do texto curto, atendendo às exigências da objetividade. Reduziram-se os espaços para a palavra e ampliaram-se os espaços para as imagens. Para fazer frente aos recursos televisivos, o jornal procurou intensificar o uso de imagens através de uma interatividade entre linguagem escrita, linguagem fotográfica e linguagem gráfica. Aprimorada com a inserção do recurso digital pelo computador, a fluência técnica viabilizou a fluência discursiva do *Humor Gráfico*, possibilitando incorporar o *real* e a *atualidade*, características fundamentais para a existência do jornalismo.

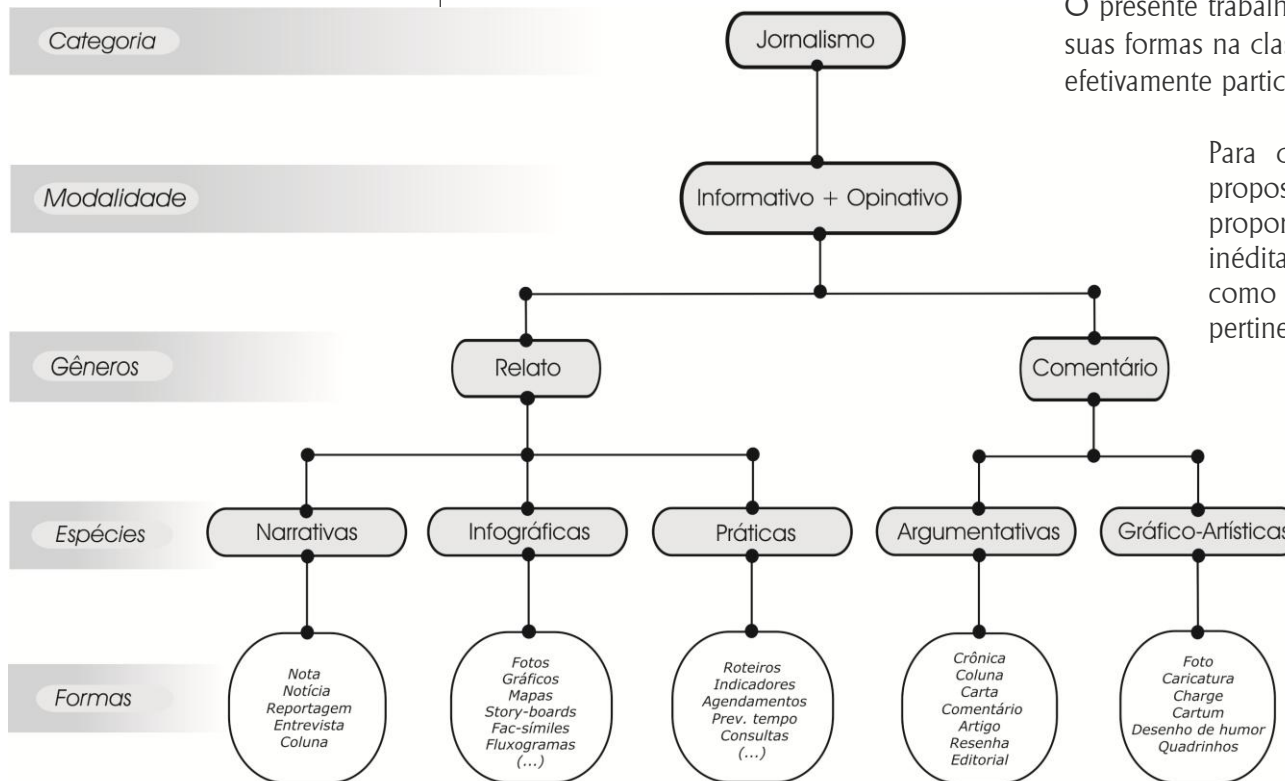
O *Humor Gráfico* é criação recente como forma jornalística. Adquiriu linguagem própria por encontrar condições tecnológicas de reproduzir o que se imagina, no tempo que o jornal necessita. Atualmente, pela linguagem do desenho, é possível expressar comentários mais amplos e analisar com mais fluência os comportamentos sociais, políticos e psicológicos do indivíduo.

O presente trabalho propõe a inclusão do *Humor Gráfico* em todas as suas formas na classificação dos gêneros jornalísticos, por considerá-los efetivamente participantes do discurso jornalístico.

Para consolidação deste presente estudo pautei-me na proposta classificatória lançada pelo Prof. Chaparro que, ao propor um novo esquema classificatório abre oportunidade inédita para o reconhecimento das espécies não verbais como formas jornalísticas. Ali ramifico as demais formas pertinentes ao universo gráfico-artístico.

Concluindo a pesquisa aqui exposta, defendo a inserção nas classificações jornalísticas dos 5 formatos com que se apresenta o Humor Gráfico (*caricatura, charge, cartum, desenho de humor e quadrinhos*).

Para ordenar as argumentações lançadas apresento ao lado a seguinte grade classificatória.



Finalizamos este trabalho parafreando o Prof. Chaparro (1998, p. 83) em sua obra *Sotaques d'aquém e d'além mar*, onde menciona que “como cada vez mais estão indefinidas as fronteiras entre os gêneros, muitas vezes aparece o que se chama de subgêneros. As alterações são decorrentes de vários fatores, como a introdução de novas tecnologias e a necessidade dos meios impressos fazerem frente aos demais meios eletrônicos de comunicação, atingindo todos os níveis sociais e culturais. Fatores diversos influenciam constantemente na dinâmica do discurso jornalístico. Para identificação das novas formas de relato da atualidade não se deveria aplicar uma classificação previamente elaborada, mas ser gestada nas próprias redações dos jornais.”

